

i s
e l
e r
r a
r a
v e
i a

Entre textos, histórias e memórias: uma homenagem ao professor Antonio Arnoni Prado

Among texts, stories and memories:
a tribute to Professor Antonio Arnoni Prado

Elisa Domingues Coelho
UNESP

Ricardo Gaiotto de Moraes
UFSC

Ana Carolina Nery Albino
Université Lumière Lyon 2 – França

Júlio de Souza Valle Neto
UNIFESP

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2023.e98015>

*passam-se meses, e ainda vemos o livro
o marca-páginas guardando o fogo da última página lida*

Mar Becker

*Contar é muito, muito difícil. Não pelos
anos que já passaram. Mas pela astúcia que
têm certas coisas passadas de fazer balancê, de
se remexerem dos lugares.*

Guimarães Rosa

1. Uma homenagem dos alunos do professor Antonio (que não gostava de homenagens)

No dia 19 de outubro de 2022, às onze e meia da manhã, depois da Conferência da professora Maria Augusta Fonseca, nós nos reunimos para prestar uma homenagem ao professor Antonio Arnoni Prado. Essa programação não foi assim ao acaso. Arnoni – como era chamado pelos seus alunos e colegas –, mesmo com a saúde debilitada, havia justamente aceitado – com o entusiasmo de sempre pelos convites feitos por seus alunos – compor uma das mesas redondas do Congresso, em que também estaria a professora Maria Augusta Fonseca.

Um pouco mais de um mês antes do Congresso, soubemos do falecimento do Arnoni e pelos dias que se seguiram nos debatemos com a pergunta: “como lidar com a sua ausência?”. Ausência é também o título de um poema de Carlos Drummond de Andrade, em que o poeta nos diz: “Por muito tempo achei que a ausência é falta. /E lastimava, ignorante, a falta. /Hoje não a lastimo. /Não há falta na ausência. /A ausência é um

v i s
d e l
e r
u r a
t r a
v e
i a

estar em mim.”¹. Concordamos que a ausência do Arnoni na programação não deveria ser o vazio da falta de seu nome, com a transformação da mesa na excelente Conferência proferida pela professora Maria Augusta; a sua ausência, ao contrário, deveria ser, tal qual nos versos de Drummond, um estar em nós, seus últimos orientandos, reunidos para homenageá-lo.

Restava-nos, contudo, um dilema: Arnoni detestava homenagens. O que nos guiou, frente a esse desafio de lembrar nosso mestre, foi pensar em uma forma que ele desgostasse menos e, quem sabe, no silêncio daquele sorriso de canto de boca que lhe era característico, e retirada de óculos enquanto olhava reflexivo, até gostasse, ainda que jamais nos deixasse saber.

Um dos grandes ensinamentos do Arnoni era de sempre ir para o texto, antes de mais nada. No IEL², era fato notório entre os alunos que o primeiro passo, para qualquer um que buscasse sua orientação, era retornar com um fichamento do texto literário, só então haveria conversa sobre a possível pesquisa. Acreditamos, então, que uma homenagem feita assim, vocalizando os textos que nos legou, ele perdoaria.

Sendo assim, este texto é feito da conversa de cada um de nós com alguns dos seus textos que, por tantos motivos, figuraram significativos para esta homenagem e falam um pouco sobre os anos que compartilhamos sendo seus alunos. Há um pouco dessas tantas memórias nas entrelinhas dos textos do Arnoni – aqueles que vimos serem publicados, ou os que conhecemos pelas histórias que nos contou. Há um tecido feito de vida, texto e memória que permanece enquanto nós, seus alunos, permanecemos. É desse tecido vivo que puxamos alguns fios e tecemos saudosamente os comentários que se seguem.

1 ANDRADE, Carlos Drummond de. “Ausência”. Poetisarte.

2 Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

2. Um Mestre Inesquecível, *por Júlio Valle*

Publicado na revista *Scripta*, em 2019, “Um Mestre Inesquecível” retoma a convivência de seu autor, Antonio Arnoni Prado, com o professor Antonio Candido. Apesar de breve, a rememoração dá conta de um arco temporal generoso, que abrange desde o primeiro contato entre os dois, referido logo na frase de abertura, em 16 de março de 1971, até o último encontro, no apartamento de Candido, em São Paulo, ocasião que também serve de ensejo para o fechamento do artigo, quando se narra o “derradeiro adeus” ao mestre. É, aliás, sob o impacto da perda do ex-orientador, falecido em 12 de maio de 2017, que o relato parece se estruturar, equilibrando-se entre a recomposição precisa dos fatos e a adesão sentimental, inevitável, aos eventos ali lembrados.

Ler “Um Mestre Inesquecível”, para quem foi orientando do Arnoni, como eu, no mestrado e no doutoramento, é lançar-se a toda sorte de projeções, lembranças, paralelos, surpresas. A situação é mesmo propícia porque, afinal, trata-se de um orientando lendo o texto do orientador lembrando, por sua vez, os seus tempos de orientando... Mas se, tentando recuperar a figura do “mestre inesquecível”, apareço aqui ou ali neste texto, ainda afetado, em novo paralelismo, pela sua perda ainda recente, em 11 de setembro de 2022, é unicamente porque essa perspectiva, digamos, implicada, pode revelar algo mais de seu perfil enquanto professor, intelectual e pesquisador de primeira grandeza, com quem tive o privilégio de conviver por quase uma década.

Imerso nessa experiência de leitura peculiar, uma primeira surpresa logo me assalta, flagrando um jovem Arnoni ainda incerto e inseguro quanto às próprias inclinações para o ofício. É curioso vê-lo, pouco antes da entrevista com o futuro orientador, afirmar “que no fundo não alimentava grandes esperanças de conquistar alguma coisa”, mesmo “depois de semanas

repassando os livros de Antonio Candido”³. E, mais ainda, descobri-lo entregue a uma espécie de autossabotagem, perambulando, a dez minutos da prova, pelo “começo da rua Pio XI, nas proximidades da Fapesp”, simplesmente fazendo hora, como quem lançasse ao acaso a responsabilidade pela fatal reprovação: “Um misto de indignação e alívio parecia juntar-se ao alvoroço do meu atraso. Enfim – pensava comigo – se chegasse fora de hora, eu pelo menos evitaria fazer feio diante de um mestre que tanto respeitava.”⁴ De fato, o candidato chega atrasado e, provavelmente tomado por alguma comiseração, Candido remaneja o horário da entrevista para o final do dia.

Para quem, como eu, sempre viu na figura do Arnoni alguém fatalmente talhado para a carreira que abraçou com rigor e paixão incomuns, é realmente surpreendente vê-lo entregue a tais subterfúgios, inseguranças, aflições. E, com isso, torna-se também visível o quanto a admiração pelo orientador, num movimento algo contraditório, acabava suprimindo um pouco da sua humanidade, que se vê restituída, para o leitor surpreso, num texto como esse. Senti algo parecido, tempos atrás, lendo *A Mão do Deserto*, de Paulo Franchetti, no qual descubro que o admirado ex-professor cogitou seriamente, em algum momento da vida, trabalhar com compra e venda de carros usados...⁵ Aliás, Franchetti dedicou, num de seus “perfis” publicados em *blog* pessoal, uma comovente e às vezes cômica reconstituição do colega de décadas, na Unicamp⁶.

É o mesmo texto, contudo, que revela o quanto, naquele Arnoni inseguro, já estava presente, em germe e em atitude, o futuro professor maduro. Para quem frequentava a biblioteca do IEL, nos anos 1990 e 2000, e costumava encontrá-lo, cotidianamente, ora nos corredores, ora nas bancadas

3 PRADO, Antonio Arnoni. “Um Mestre Inesquecível”. Scripta, 2019, p. 262.

4 *Ibidem*, p. 263.

5 FRANCHETTI, Paulo. *A Mão do Deserto*, 2022, p. 91.

6 *Idem*. “Perfis 7 - Antonio Arnoni Prado”. Blog Paulo Franchetti: artigos, resenhas, textos inéditos.

de trabalho, às vezes apressado, colhendo uma referência, outras vezes concentrado, lendo ou tomando notas em seus cadernos, tão imediatamente reconhecíveis para qualquer ex-orientando, como bem lembrou Ricardo Gaiotto em texto publicado pouco depois de sua morte⁷, não surpreende encontrar aquele Arnoni jovem, apreensivo, enfurnado na biblioteca da USP, encarando desde logo o trabalho na perspectiva do pesquisador metódico. Ali já estava, em alguma medida, o intelectual inquieto, mas disciplinado, sempre com um texto para começar ou para concluir, e que levava, invariavelmente, a outras questões que pediam outros textos, exigindo, por sua vez, outras visitas à biblioteca e novas sessões de leitura e escrita em sua salinha estreita, perto do Auditório, munida franciscanamente de sofá, escrivaninha e uns poucos livros, de que orientandos de diferentes gerações certamente hão de se lembrar bem.

Penso que testemunhar, às vezes bem de perto, esse movimento circular, virtualmente infinito, talvez constitua o maior ensinamento que obtive durante a convivência com Arnoni. Ali, ficava claro que, no trabalho intelectual, estamos sempre enxugando gelo. Ali, a provisoriedade de nossas reflexões, mais cedo ou mais tarde perturbadas por um ponto-cego de cuja existência nem sequer poderíamos desconfiar a princípio; ou pela fatal parcialidade dos pontos de vista à qual costumamos reagir com um misto de naturalidade e resignação; ou, simplesmente, pela passagem do tempo, que torna uma expressão, um enquadramento, um conceito logo obsoleto, parcial, quem sabe reprovável. Tudo isso que, às vezes, no plano do discurso, periga simplesmente roçar a proposição banal, às vezes tingida de falsa modéstia, ali se transformava simplesmente num regime de trabalho, prazeroso e angustiante em doses parecidas, e, vejo agora, numa lição silenciosa – como costumam ser as lições mais permanentes – de um

7 MORAES, Ricardo Gaiotto de. “Anotações a lápis às margens da lição do professor Antonio Arnoni Prado”. Blog da Biblioteca Virtual do Pensamento Social.

v i s
d e l
e r
u r a
t r a
v e
i a

orientador dizendo, pelo exemplo, que as coisas nesse “ramo” – uma das expressões de sua predileção – eram assim mesmo; que estamos no mesmo barco, aluno, professor, qualquer pessoa, enfim, que se aventure a fazer do pensamento um ofício, o seu ganha-pão.

É assim, escavando a presença do orientador em mim, que o reencontro, ao lembrar o seu primeiro trabalho de fôlego sobre Lima Barreto, ouvindo a voz de Antonio Candido “reboando no interior do livro, com a distância sempre comedida e o desejo de permanecer anônimo”⁸. Nesse e em outros momentos, fica patente como o “mestre inesquecível” erige-se numa espécie de norte, de ponto de referência, mesmo quando, e talvez sobretudo, parece estar ausente. É o que descobrimos lendo o relato, meio desencantado, de sua experiência em “um curso de especialização em romance moderno na Universidade de Indiana”, nos Estados Unidos, no qual sempre “senti[u] falta de aulas como as dele”: “A verdade é que lá não havia um Antonio Candido ou alguém que, como ele, ensinasse, discutisse e explicasse literariamente os meandros mais densos que organizavam um texto.”⁹ Surge dessas linhas, de um lado, o Arnoni pouco animado pela adoção *glamourizada* de modelos teóricos de importação, como vários orientandos poderão atestar, e, de outro, o orientador que recomendava, de uma ou outra maneira, a atenção aos “meandros mais densos que organizavam um texto”, sem os quais as generalizações mais ambiciosas simplesmente perigavam cair no vazio. E surge, enfim, das linhas do texto como um todo, o paralelismo mais óbvio e inevitável, já anunciado, desde logo, pelo título, que a todo momento quer escorregar para o texto deste orientando lendo o texto do orientador lembrando os seus tempos de orientando.

8 PRADO, Antonio Arnoni. “Um Mestre Inesquecível”. Scripta, 2019, p. 265.

9 *Ibidem*, p. 266.

3. *Memórias, por Ana Carolina Nery*

“Um grande Professor!” – foi assim que conheci o Arnoni, antes pelo nome e depois pelos comentários, ainda caloura, ao ouvir as recomendações dadas por meus veteranos do Instituto de Estudos da Linguagem – o IEL – de que sempre deveria me inscrever nas disciplinas por ele ministradas. Vinda de uma cidade pequena de interior e tendo crescido bem distante das tradições acadêmicas e mesmo dos livros, o primeiro contato com o ambiente universitário foi tão deslumbrante quanto assustador, assim como as impressões que ia criando diante dos conselhos recebidos, das descobertas de autores, das listas de leituras e da inevitável apreensão de não conseguir enfrentar aquele universo feito de tantos textos – alguns deles que me iam sendo incompreensíveis.

Ainda que não estivesse prevista na maquete dos alunos ingressantes, eu me inscrevi numa eletiva de “Teoria e crítica literária” e passei a frequentar as aulas. Eram assim organizados seus seminários na Graduação: apresentação do texto e de algumas de suas problemáticas, num primeiro momento, abrindo caminhos possíveis para o que viria depois, a discussão em torno dos apontamentos levantados por nós, seus alunos. Arnoni insistia que essa segunda parte era a mais importante para nossa formação. Importante porque era preciso, antes de tudo, o confronto direto com o texto, com os problemas presentes nele. Lembro de ouvi-lo dizer, repetidas vezes, “não se pode, em nenhum momento, cansar-se de ler e reler” e, para ele, nessa troca, a aula cumpria seu dever.

Isso que hoje me parece bastante sensato, mesmo evidente como postura de um professor e de alunos comprometidos, não era, naquele momento, tarefa simples, essa de se expor, sobretudo quando as questões não nos apareciam. Lembro de como todos saíamos para o intervalo da aula com as anotações em mãos, o tempo dividido entre um concorrido café na

cantina e as conversas generosas, em que os colegas com mais experiência de leitura antecipavam algumas colocações, ajudando a acalmar os nervos dos mais aflitos; sabíamos que cada um de nós deveria se colocar diante do que o outro tinha pensado sobre o tema da semana. E, nessa dinâmica, todos ganhávamos.

Rememoro, no entanto, uma segunda-feira em que o texto tinha sido particularmente complicado, cheio de nomes e de referências que me escapavam na leitura apressada do fim de semana. Com muito respeito e certa vergonha, fui, pela primeira vez, falar com o professor Arnoni no intervalo, para preveni-lo de minha ausência na segunda metade da aula. Eu não tinha condição nenhuma de contribuir para a discussão, não tinha compreendido o texto, sequer tinha ouvido falar de muitos dos nomes referenciados por Antonio Candido no seu *Introdução ao método de Silvio Romero*, ao passo que, perdida no método e nesse funcionamento novo de aulas, eu colocava em questão o meu lugar ali. Isso que poderia ter sido apenas uma troca de palavras embaraçosa com o notório professor foi, na verdade, a abertura para muitos outros momentos de conversa, que me levariam a receber sua generosa orientação na Iniciação Científica, e também na Monografia de conclusão de curso sobre a obra de Lima Barreto, autor que ele conhecia tão bem.

Aquele professor exigente, que me parecia, por vezes, tão distante – tamanha era sua erudição – achou graça da minha postura de caloura desavisada, bastante ingênua de pensar que para os outros colegas era simples dominar as referências do texto. Ainda ouço seu “Ih rapaz, texto é difícil mesmo, as pessoas balançam a cabeça mostrando que compreendem, mas não é bem assim... o começo não foi simples para mim também não. O caminho requer disciplina e paciência. Vá lendo no seu tempo, fazendo anotações nas margens, fichando para não esquecer; é assim que se cria um

repertório, é assim que o repertório dos autores vai sendo compreendido. Podemos voltar a conversar a partir dessas leituras, vá anotando também suas dúvidas”. Saí da aula com uma lista de livros que poderia me ajudar a melhor acompanhar o curso, ciente de que era preciso correr atrás das referências perdidas e mais consciente de que, nesta formação, o caminho seria de movimento constante, tal como ele nos mostrava em seu exercício de professor. Se me alongo nos detalhes e trago essa lembrança viva é porque esse gesto foi bastante decisivo, tendo marcado profundamente a minha trajetória, naquele momento, como aluna e, hoje, como professora.

A memória funciona de um jeito curioso e, assim mesmo, vai tecendo e ligando os pontos-histórias que nos constituem, a partir dos encontros engraçados – para não dizer inesperados – da vida. À figura do professor, foi se somando a do crítico literário, do ensaísta, do prosador e, nelas todas, o exemplo de fineza e erudição, de trabalho cuidadoso e de muito rigor com o texto, características que não dissociava de sua dimensão humana. Depois das reuniões de orientação, quando sobrava tempo, ele abria um espaço para contar causos, anedotas que remontavam aos seus tempos de estudante na Maria Antonia¹⁰, onde pôde – palavras dele – “viver umas tantas coisas que iriam marcar o [seu] caminho pela vida afora”. Ao falar sobre os anos de formação em suas reminiscências, a referência de respeito e carinho pelo professor Antonio Candido, seu “mestre que falava de Stendhal, da literatura e da crítica, é verdade, mas que [o] mostrou, como nenhum outro em [sua] vida, que é no coração dos livros que se esconde a melhor entrada para compreender os desenganos da condição humana”. O lugar de referência que se ia criando para nós, seus alunos e orientandos, não era diferente daquele ocupado pelo autor de “Teresina, etc” em sua vida.

Foi num desses momentos de fim de reunião, se não me falha a

10 Centro Universitário Maria Antonia, que pertenceu à antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP).

memória, numa sexta-feira à tarde, antes de voltar para casa, que ouvi do professor “E Poços de Caldas, continua bonita aquela praça no centro?”. A cidade onde nasci e cresci fora evocada como lugar de alguns encontros com seu orientador. Lembro de como me contava saudosos desse tempo, falando de uma cidade bastante diferente daquela que eu conhecia, ainda tão mais distante da que vivera, na infância, Antonio Candido. “A praça continua bonita, professor, mas já não há livrarias, acredita?”. Foi o espaço de dividir uma história bonita e que passava a ganhar ainda mais sentido depois do meu ingresso na Universidade. Ainda nos tempos de estudante do Ensino Médio, tinha ouvido falar sobre a inauguração de uma biblioteca na então Companhia Bela de Artes, com doações feitas por Antonio Candido. Eu me lembro da forte impressão de ouvi-lo falar de Poços com tamanha consideração, de lembrar a chegada do livreiro com as encomendas das saídas literárias, histórias que iam sendo confirmadas e acrescentadas por Arnoni.

O ápice daquela noite fora, para mim, poder ouvir a leitura emocionada de um poema que lhe fora dedicado pelo poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade – “O medo” – cujos versos diziam: “Em verdade temos medo/ Nascemos escuro./As existências são poucas:/Carteiro, ditador, soldado./ Nosso destino, incompleto.[...] Somos apenas uns homens/ e a natureza traiu-nos./Há as árvores, as fábricas,/doenças galopantes, fomes.”¹¹ Sempre que volto a esse poema, lembro tanto daquela noite em Poços de Caldas, ao som de Bachianas n°2, quando não podia sequer imaginar o impacto que teria esse encontro em minha vida, quanto da tarde em Barão Geraldo, em que a música era ditada pelas cigarras, nesse momento de partilha dessas lembranças com o professor que me apresentou o crítico, que eu desconhecia naquele encontro da adolescência e que era sua maior referência, compartilhando generosamente as ferramentas necessárias para

11 ANDRADE, Carlos Drummond. *A Rosa do Povo*, 2012, p.17.

que persistíssemos no caminho das leituras.

Entremeiam-se, dessa maneira, os vários fios: das histórias que me foram contadas sobre ele, das que pude eu mesma ouvi-lo contar, daquelas em que ele me ouviu e, por fim, da rica tessitura que nos deixou, em texto, como esse trem que liga a experiência do professor premiado ao menino que descobria o universo das letras:

Entre as ruas e os livros, fui ficando fascinado pelos encantos da literatura, pelo universo da poesia e do romance, pela vida de certos escritores, pela riqueza da linguagem que eles criavam, estranha e bela, surpreendente e cheia de vozes capazes de nos revelar que é possível haver coisas mais verdadeiras que a verdade e mais bonitas que a própria beleza, como se o prazer de existir, mesmo que por instantes, pudesse afinal deixar de ser um sonho. E tudo foi acontecendo num jogo aberto de transformações simultâneas, onde eu podia ser poeta e reinventar o mundo, entrar nos romances e virar personagem, viver como herói de um tempo que me transcendia, mas que dependia só de mim, das minhas escolhas e preferências, da minha imaginação sempre à deriva e quase nunca ajustada aos limites das convenções. Isso tudo foi me arrastando para uma experiência de vertigens e contradições, e também de sonhos e fantasias que me empurravam para dentro da vida.¹²

Vida essa que segue com a memória viva e tão presente desse que foi “um grande professor!”.

4. Últimas imagens do Império, *por Ricardo Gaiotto*

Um dos aspectos mais inefáveis do ensaio é o convite à companhia do leitor. Há uma voz que narra e nos apresenta uma hipótese, vai desdobrando-a em ideias, fazendo-nos caminhar por elas, num convite ao convívio. É como se os argumentos pairassem sempre diante de nossos olhos, mas aparecessem arrumados somente agora, nas entrelinhas do texto, ou no meio de alguma

12 PRADO, Antonio Arnoni. O último trem da Cantareira, 2019, p. 67.

v i s
d e l
e r
u r a
t r a
v e
i a

observação mais longa entre vírgulas. O arranjo novo e instável deixa escapar uma hipótese interpretativa, encadeando o argumento e nos lançando ao final do texto. É então que, já saudosos da agudeza da companhia ou, talvez, aliviados por poder caminhar os olhos sozinhos, não temos outra reação se não sairmos convencidos ou, pelo menos, tocados pelo raciocínio experimentado. É assim que saio desta última leitura de “Últimas imagens do Império”, ainda com os ecos do início:

Na superfície da chapa, as marcas sensíveis do flagrante irreversível, quase ensaiado. Imagens da velha São Paulo, diluindo-se lentamente na voragem do novo século: ecos instantâneos de um embate desigual. É feito voragem que desmancha o tempo, no rastro de um vendaval silencioso, tudo parece inerte no retrato da vida que ficou para trás [...]¹³.

O ensaio que abre o livro *Na rua*, com as fotografias feitas no início do século XX pelo imigrante italiano Vincenzo Pastore, é um dos textos mais agudos de Antonio Arnoni Prado. Foi Arnoni que me presenteou com o livro no dia em que, convidado por ele, participava pela primeira vez como banca de uma defesa de TCC. Desde então, fiquei com a presença do texto, das imagens e das palavras encadeadas pelo ensaísta, com quem conversei por tantos anos – mais de duas décadas – as reuniões com o professor Arnoni também eram assim: muitas vezes nem me lembrava mais ao final qual era a dúvida que eu, orientando desenvolvendo tese e dissertação, havia levado, mas ficavam as palavras, as narrativas, como se dali fosse possível sair um ensaio inteiro, muito diferente do texto que eu inicialmente pensara escrever.

Lembro-me de uma de nossas primeiras reuniões, quando interessado em estudar a coerência dos juízos desenvolvidos por Mário de Andrade na crítica literária de jornal, apresentei o projeto inicial ao Arnoni. Perguntei se ele considerava aquele um recorte de pesquisa possível e Arnoni, diante

13 PRADO, Antonio Arnoni. “Últimas imagens do Império”, 2009. p. 7.

daquelas linhas de plano ainda muito iniciais, concordou, mas logo indagou: “é necessário, porém, ver qual pode ser ou não a contribuição de Mário de Andrade para a tua geração”. A pergunta ainda ressoa, voragem que me faz pensar se algum dia tive coragem de respondê-la. Mais ética que estética – lembro aqui as palavras de um amigo de que o Arnoni muito se lembrava, João Luiz Lafeté – a provocação, nesta nossa tentativa de memória do orientador que nos deixou, ecoa no ensaio de Arnoni, cuja pergunta inicial poderia bem ser: qual a contribuição de Vincenzo Pastore?

A resposta é impressa no ensaio a partir da elaboração de um sutil movimento em três planos. De um lado está a percepção nas fotos de ângulos e detalhes que revelam cenas protagonizadas por personagens periféricos, negros, brancos, imigrantes, crianças descalças; no meio, a paisagem decadente, de uma São Paulo que, já na primeira década do século XX, é ocupada pelos imigrantes que compartilham com os habitantes locais o sonho frustrado de algum progresso econômico de uma vida remediada na cidade.

O panorama que prevalece é o de uma São Paulo estagnada no fim do século XIX, embora já estivesse no início do século XX. Uma cidade na qual pobres, imigrantes e ex-escravos figuram como bizarro apêndice urbano, a exibir o abandono de seu desalinho e o estranhamento da penúria que os iguala. Nas poucas vezes em que se aproximam, não se misturam: [como] na cena do realejo, onde crianças vistosas, de botas, chapéu e bastão aparecem à direita, separadas dos meninos pobres, à esquerda da câmara, um deles de pés no chão e boné, a cesta de doces pendentes do cotovelo, marcando na foto o campo social, cortado ao meio pela figura maltratada da menina descalça, com uma criança nos braços¹⁴.

14 *Ibidem*, p. 11.

Figura 01:



“Grupo de pessoas ao redor de realejo, na praça da República”, c. 1910.
Vincenzo Pastore/ Coleção Vincenzo Pastore/ Acervo IMS.

No outro lado do tríptico, estão, em poema e prosa, vozes de autores e autoras que Arnoni traz para a conversa. Dentre Guilherme de Almeida, José Bonifácio, Martins Fontes, Affonso Frederico Schmidt, aparece também o desconhecido Sylvio Floreal, que viveu e morreu, como nos conta o ensaísta em nota de rodapé, “às margens das correntes hegemônicas da literatura e da crítica literária”. Nas crônicas de Floreal, Arnoni encontra semelhanças com as fotos de Vincenzo Pastore, pois haveria nelas também o flagrante dos “párias” na paisagem noturna de São Paulo. No final do ensaio, Arnoni encontra Alcântara Machado, Oswald e Mário de Andrade, esse último aquele que teria com “poesia e amargura” repassado na poesia as “dissonâncias” das fotos de Vincenzo Pastore. E ficamos nós, leitores e alunos do mestre, com a resposta em suspenso, em aberto:

Como [Vincenzo Pastore], [Mário de Andrade] viu escuridão e fumaça, sofrimento e miséria na cidade que se transformava, juntando os polos do atraso e do progresso. Lendo-o hoje é possível reviver o desencanto com que se perdeu nos “timbres tristes” daquela “Londres das neblinas finas”:

Vem um rico, vem um branco,
São sempre brancos e ricos...

Garoa sai dos meus olhos¹⁵.

5. Cenário com retratos, *por Elisa Coelho*

Cenário com retratos é um livro que chegou até mim tardiamente, ainda que sua memória, ao contrário, seja de antes, de uma conversa na porta da sala do Arnoni, quando ele comentou conosco da demora das editoras, motivo que fez com que o ano de 2015 date a publicação tanto desse livro quanto de *Dois letrados e um Brasil nação*; o primeiro publicado pela Companhia Das Letras, o segundo pela editora 34. Quis as circunstâncias da vida que, na ocasião de seu lançamento, eu tenha podido não só comprar esse último como pedir uma dedicatória ao Arnoni, já o primeiro se perdeu para mim até retornar como sugestão de leitura em minha banca de qualificação do doutorado, como tantas vezes as referências e memórias dos anos de orientação com o Arnoni voltaram para me lembrar um pouco de mim e me resgatar do impossível que tantas vezes foi concluir um doutorado na pandemia da COVID-19.

Foi a professora Maria Betânia Amoroso quem me falou – naquele ar das conversas dos corredores do IEL ou ao fim da aula, ali, saindo da sala – se eu conhecia “*aquele texto daquele livro do Arnoni*” (essa construção de frase tão comum que mal se inicia e nós, alunos, já ensaiamos como disfarçar nosso desconhecimento). Eu conhecia o livro, sim, mas tão ao acaso quanto aquela conversa na porta da sala do Arnoni. Lembro que, primeiramente, Ricardo Gaiotto veio em meu auxílio e me enviou o texto que eu precisava em PDF – “Oswald de Andrade *versus* José Lins do Rego?” –, o livro fui comprar bons meses depois. Foi naquele primeiro contato de reconhecimento de um livro

15 *Ibidem*, p. 13.

v i s
d e l
e r
u r a
t r a
v e
i a

que nos chega que lembrei que era *aquela o livro* que tive notícia ainda antes da publicação e não tivera em mãos por todos esses anos depois de lançado.

Vencidas – temporária e parcialmente – as questões da tese, quando soubemos do falecimento do Arnoni, estando – e estamos ainda – tomados pelas saudades e lembranças, livro e texto transfiguram-se em memória e me tensionam em direções opostas, lançando-me à última vez que vimos o nosso mestre, em dezembro de 2019, às vésperas de seu aniversário; e às primeiras aulas que tive com o Arnoni, no início de 2008, quando estudei a obra de José Lins do Rego pela primeira vez. E, mal terminávamos o semestre, já andava com *Uma história do romance de 30*, de Luís Bueno, debaixo do braço, sob indicação do Arnoni como o livro que “resolveria todos os meus problemas” das lacunas que tanto angustiavam minha cabeça de graduanda que recém percebera ser a literatura vasta e o que eu conhecia ainda tão pouco.

Cenário com retratos: Esboços e perfis. Na época, lembro de ter me chamado a atenção o título, mas só agora, misturando essa leitura com as memórias das minhas primeiras aulas do Arnoni, vejo no próprio título essas tantas memórias das aulas, palestras e conversas em que nosso professor ia costurando naquela voz calma, nos trejeitos, nas pausas e reflexões, aqueles que eram nossas referências bibliográficas como retratos daqueles cenários que iam se construindo: “Nesse jogo ambíguo e repleto de contradições, nosso olhar oscilou entre o talento e o risco, a pesquisa do belo e a falácia dos que dele se valeram para transformar o ofício de escrever num prolongamento secundário do mando, da vaidade e da presunção”¹⁶. Era uma costura fina feita com o relato dos acontecimentos, das amizades, das inimizades – essas sempre acompanhadas de alguma risada ou sarcasmo em algum momento –, ao ponto de sairmos sempre nos sentindo mais próximos daqueles grandes

16 PRADO, Antonio Arnoni. *Cenário com retratos: esboços e perfis*, 2015, p. 10.

nomes, como se, nos livros tão enxovalhados de tanta consulta e manuseio, eles se presentificassem na humanidade de suas afinidades e conflitos.

O título do texto, especialmente Zé Lins ali, na mira de Oswald, inevitavelmente me lembra da minha primeira leitura de *Menino de engenho*, uma das mais importantes que fiz ao longo da graduação, não por ser um livro que me prende em seu texto até hoje ou por ter feito parte do *corpus* da pesquisa do meu Mestrado, mas por ter sido o meu primeiro aprendizado na metodologia que todos aprendemos com o Arnoni, de sentar com o texto literário, lê-lo e tomar notas. Foi nesse momento, sem saber muito bem o que fazer, que rabisquei meu primeiro fichamento de um texto ficcional, certamente não com a calma com que tantas vezes depois Arnoni me falou dos cadernos e dos fichamentos como principal metodologia de pesquisa, e sim com o desespero de aluna que precisava ter anotações até o dia da aula.

Era a primeira disciplina que fazia com ele, e, diferentemente do que relatou Ana Carolina, meus veteranos me falaram desse “grande professor!” com terror, me advertindo de sua exigência e de que jamais deveria entrar na sala de aula do Arnoni sem ter lido o texto – os famosos seminários de que era feita a segunda parte da aula, em que ele nos dirigia perguntas sobre o texto, eram o grande motivo de tal terrorismo e de minha tentativa desesperada de ter o que falar sobre o livro de Zé Lins. Afinal, fora o suadouro pensando quando seria nossa vez e qual seria a pergunta, tudo ia muito bem enquanto estávamos nas leituras teóricas, mas, agora, como me preparar com um romance em mãos? Anotar o quê?

Lembro que por bastante tempo a sensação de que eu não sabia muito bem como fichar as obras ficcionais me acompanhou e, ali, no início do 3º ano da graduação, preocupada em ter algumas anotações na esperança de não fazer feio na minha vez, não consegui ainda perceber que o que realmente importava para aquelas aulas-seminário do Arnoni estava um passo antes:

ler os textos. Tanto que duvido muito que o que disse naquela aula sobre *Menino de engenho* estivesse em alguma anotação do meu caderno e, salvo engano, tampouco foi me perguntado alguma coisa. Mas a aula pegou fogo, muitos alunos indignados com José Lins do Rego e a retratação da casa grande e da senzala em harmonia. Eu, com a ingenuidade de quem ainda tinha muito a aprender sobre a complexidade do assunto, saí em defesa de Zé Lins e do lirismo tão comovente das memórias do menino Carlinhos. Não lembro bem que caminho tomou a discussão toda, mas lembro de um Arnoni entusiasmado – afinal, adorava quando a aula dava um bom debate – e sei que me tornei sua aluna ali, naquele dia, na cumplicidade da defesa daquele livro, que se seguiria nas tantas vezes em que ele falou com aquela voz calma, de encantamento com a literatura, sobre a beleza daquelas memórias do engenho e da potência literária que morava na transfiguração das relações sociais.

A ideia, mesmo que temperada com o ritmo da troça, indica aquela que, sem dúvida, parece ser ainda hoje a melhor entrada para compreender o universo imaginário do romancista paraibano. [...] o universo que o identifica, como narrador e como cronista, é o do mundo em que nasceu, e a sua literatura – incentivada pelo próprio Gilberto Freyre – é a contraparte imaginária do fluxo histórico e social magistralmente plasmado pela prosa deste último, que ainda permanece inigualável como produto intelectual entre a ficção e o documento, a escrita ensaística e a dicção romanesca. [...] Sob esse aspecto, pode-se dizer – ampliando o palpito de Oswald de Andrade – que a obra de Lins do Rego é a face literária do universo da *Casa-grande*. Planejada em parte como um ciclo, o seu tempo é o tempo coroadado pelo mando da aristocracia rural no espaço indevassável de seus engenhos, descritos em seu esplendor, mas narrados até à decadência. A grande vantagem que os seus romances levam sobre o clássico de Gilberto Freyre é a de eles servirem como um painel animado do verdadeiro maciço socioantropológico que o mestre de Apipucos construiu com raro talento e vigor analítico. Ela faz com que as relações se alterem e a perspectiva se desloque para o olho precário da condição humana, como é natural no domínio da arte, onde os planos se invertem e as coisas trocam de lugar.¹⁷

17 *Ibidem*, p. 172-173.

O que eu ainda não sabia, mas Arnoni sim, era que eu ainda tinha um longo caminho no aprendizado de pesquisadora – e muitos e muitos fichamentos ainda viriam – mas tinha os olhos postos no texto literário. Ler esse texto, ler as palavras de Arnoni costurando ali o conflito entre Oswald e Zé Lins, expondo as nuances e dilemas de cada um, em alguma medida, trata-se sempre de unir o Arnoni em seu sorriso discreto de aprovação ao ver uma aluna flagrar a literatura operando e o Arnoni daquele dezembro de 2019. Um mestre que ensinava pelo silêncio e pela confiança e que sempre nos surpreendia com seus olhos atentos, que tanto sabiam muito bem os alunos que tinha como observavam os pesquisadores que sabia que nos tornaríamos – e a quem chamaria de colegas – e que ele via desde aquela primeira faísca em sala de aula.

Fig. 02:



Um dos almoços de Arnoni (ao centro) com as orientandas e os orientandos (da esquerda para a direita) Elisa, Ricardo, Ana Carolina e Júlio.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. Ausência. *Poetisarte*. Disponível em: <https://poetisarte.com/autores/carlos-drummond-de-andrade/ausencia/>. Acesso em 20 jun. 2023.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *A Rosa do Povo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BECKER, Mar. *A mulher submersa*. São Paulo: Urutau, 2020.

FRANCHETTI, Paulo. *A Mão do Deserto*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2021.

FRANCHETTI, Paulo. Perfis 7 - Antonio Arnoni Prado. *Blog Paulo Franchetti: artigos, resenhas, textos inéditos*. 10 mar. 2023. Disponível em: <https://paulofranchetti.blogspot.com/2023/03/perfis-7-antonio-arnoni-prado.html>
Acesso em 18 jun. 2023.

MORAES, Ricardo Gaiotto de. Anotações a lápis às margens da lição do professor Antonio Arnoni Prado. *Blog da Biblioteca Virtual do Pensamento Social*. 29 set. 2022. Disponível em <https://blogbvps.com/2022/09/29/lembrancas-de-antonio-arnoni-prado/>
Acesso em 18 jun. 2023.

PRADO, Antonio Arnoni. *Cenário com retratos: Esboços e perfis*. São Paulo: Companhia Das Letras, 2015.

PRADO, Antonio Arnoni. *Dois letrados e o Brasil nação: a obra crítica de Oliveira Lima e Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Editora 34, 2015.

PRADO, Antonio Arnoni. *O último trem da Cantareira*. São Paulo: Editora 34, 2019.

PRADO, Antonio Arnoni. “Últimas imagens do Império”. *In*: PASTORE, Vincenzo. *Na Rua*. São Paulo: IMS, 2009.

PRADO, Antonio Arnoni. “Um mestre inesquecível”. *Scripta*, v. 23, n. 49, p. 260-267, 20 dez. 2019.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

Submissão: 23/06/2023

Aceite: 31/07/2023

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2023.e98015>

*Esta obra foi licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.*